

Enfermaria vira lar para muitos

Cena corriqueira no Hospital de Base: uma ambulância vinda de qualquer cidade do Entorno pára próximo a um dos setores (Ambulatório de Emergência) e, literalmente, despeja um paciente em estado grave e desaparece. Pronto. Está criado mais um problema para os profissionais do hospital resolverem. Eles terão que internar o desconhecido de qualquer maneira e depois sair à procura dos familiares.

Muitas vezes um paciente deixado nessas condições leva meses e até anos para sair do hospital, apesar de receber alta pouco depois de internado, transformando-o numa espécie de hotel, onde, além da alimentação e repouso, dispõem de assistência médica. É com complicações desse tipo que se

ocupa o departamento de serviço social, diuturnamente.

“Esse tipo de problema não aparece para as pessoas, mas prejudica muito o bom funcionamento e nós convivemos com isto todos os dias”, ressalta a chefe do serviço social, Marlene Moura. Ela coordena um grupo de 22 assistentes sociais e mais o trabalho de algumas senhoras voluntárias, que ajudam nas tarefas mais diversas.

Prefeituras — Uma das atividades é manter contatos com prefeituras de municípios tão próximos como Formosa (GO) ou distantes centenas de quilômetros, como Tinguara, no Pará. Nessas contatos, os assistentes sociais ten-



Mauro Guimarães



Jofran Frejat

nião com o HBDF. Os prefeitos mandam todos os meses talonários com passes de ônibus, a fim de que os pacientes de suas cidades possam retornar tão logo encerrem o tratamento. Mas tais recursos só aparecem para poucos casos. Na maioria deles, o serviço social gasta inúmeros telefonemas, anúncios em rádios e telegramas inutilmente. Há situações em que os parentes chegam a omitir ou mudar de endereço somente para não receber de volta um familiar,

tam conseguir dos prefeitos meios de fazer com que os pacientes retornem às suas cidades.

A l g u m a s prefeituras, como é o caso de Unaí (MG), lidam com o problema com tanta frequência que já firmaram convê-